

## O mundo e os indignados, segundo Penny Red

Os chamados «indignados» apresentaram novos repertórios de ação coletiva (como denomina a sociologia) que têm como alvo as grandes corporações e incluem formas inovadoras de organização e protesto. Laurie Penny, ou «Penny Red», conseguiu, a partir de suas colunas jornalísticas, construir uma linguagem capaz de captar e transmitir as novas sensibilidades misturando cultura pop, política radical e feminismo, com tom incisivo e potência narrativa. Nas linhas que se seguem, reproduzimos três de seus textos, escritos no calor dos protestos na Grã-Bretanha e reunidos num livro editado recentemente em espanhol.

**LAURIE PENNY**

### ■ Insurreição em Oxford Street (27 de outubro de 2010)

«Ei! Quero o meu dinheiro de volta!». O rapaz de suéter cinza que veio à Oxford Street para comprar um telefone celular não faz parte do grupo de ativistas que acabou de ocupar a loja símbolo da Vodafone. Os manifestantes têm pouco mais de 20 anos e, equipados com faixas e cartazes, demandam que a empresa pague a dívida de 6 bilhões de libras em impostos que o governo teria cancelado no início do ano apesar de o primeiro ministro insistir em que é «necessário» um corte de sete bilhões nos serviços de bem-estar social.

---

**Laurie Penny:** nasceu em Londres em 1986. Escreve em meios de comunicação britânicos como *The Guardian*, *New Statesman* e *The Independent*. Ela se autodefine como «jornalista, escritora, feminista, nerd, provocadora, tomadora de chá e quase uma dama».

**Palavras-chave:** capitalismo, indignados, jovens, revolução, Penny Red.

**Nota:** Os textos incluídos fazem parte do livro *Penny la roja. Apuntes desde la nueva era de la indignación* (tradução e comentários de Cecilia Absatz, Capital Intelectual, Buenos Aires, 2012). Agradecemos à editora Capital Intelectual pela autorização para a reprodução dos textos. Tradução de Celina Lagrutta. A versão original deste artigo em espanhol foi publicada em *Nueva Sociedad* N° 251, 5-6/2014, disponível em <[www.nuso.org/upload/articulos/4026\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/4026_1.pdf)>.

Este jovem não faz parte do grupo, mas se joga atrás do cordão policial enquanto grita e agita os braços para seus amigos, que sorriem e pegam seus próprios celulares para fazer fotos dele. Poderia até ser um comercial da Vodafone, se não fosse pela polícia.

A primeira coisa que cabe observar nesse protesto é que ele foi organizado de um modo não muito mais eficiente do que uma farsa francesa: os jovens que nesse momento ocupam com determinação a entrada da loja Vodafone se mobilizaram via Facebook e Twitter com seus nomes verdadeiros e discutiram abertamente os objetivos a programar e, quando chegaram os ativistas mais experientes para intervir com conselhos básicos de segurança, já era tarde demais.

Não é de se surpreender então que encontrássemos a nata da segurança de Sua Majestade esperando por eles na Oxford Street. Mas na louca corrida para evitar a polícia e formar uma barricada na frente da loja antes da chegada do primeiro cliente, os manifestantes riem como crianças, escandalizados por seu próprio atrevimento. Eles não são os baderneiros de sempre que já se transformaram numa chateação. São muito jovens, estão muito decididos e estão certos de que a resposta usual da esquerda não serve mais.

«Não podemos passar os próximos cinco anos fazendo passeatas até o Whitehall para ouvir o discurso do Tony Benn<sup>1</sup>», diz Thom, 22. «Temos que ser criativos».

O segundo aspecto interessante dessa ação é que não ocupou um prédio do governo, nem uma sede da prefeitura ou da imprensa. A Vodafone não teve uma influência direta sobre a revisão de gastos que em breve deixará milhões de pessoas sem trabalho e as botará para fora de suas casas e de suas comunidades. A Vodafone não elabora as políticas do Ministério da Fazenda. A Vodafone vende telefones. As pessoas que se reuniram ali para protestar, no entanto, buscam a forma de articular uma insatisfação mais profunda com a forma em que o novo governo decidiu priorizar os negócios à custa da educação, do bem-estar social e do sistema de saúde. A retórica pública do Estado enfatiza «o justo» acima de tudo, mas aqueles que estão no poder parecem acreditar que o justo só é aceitável se não interferir na livre concorrência.

---

1. Veterano socialista e antibelicista britânico, membro da ala esquerda do *Labour Party* (Partido Trabalhista), falecido em março de 2014 [N. do E.].

«Os cortes orçamentários não são justos, nem todos entramos nessa, existem alternativas», diz outra ativista, Jennyfer Kyte. «Por que não começar a cobrar, em vez de cancelar e ignorar as dezenas de bilhões de dívidas em impostos das grandes corporações? Não se supõe que é essa a maravilhosa Grande Sociedade?».

Ninguém naquele ataque à loja central da Vodafone espera realmente que a empresa venha correndo e devolva para o Estado os 6 bilhões de libras. A questão foi, no entanto, encaminhada: a Vodafone pagou 1,25 bilhão para saldar todos os pontos pendentes do CFC<sup>2</sup> de 2001 até o presente e chegou também a um acordo segundo o qual não surgirão no futuro próximo novas cargas tributárias do CFC sob a atual legislação. Menos ainda espera-se que a coalizão que, no ato reflexo mais desalmado do capitalismo do desastre, parece ter aproveitado a oportunidade da recessão para acabar de uma vez por todas com o bem-estar social, aceitará usar esse dinheiro para garantir que os pobres não morram de fome neste inverno. O que os manifestantes querem é que o governo e as grandes empresas saibam que, diferentemente de Alan Johnson<sup>3</sup>, eles sabem fazer contas. Sabem fazer contas, e não estão gostando dos números.

Tudo isso soa um pouquinho mais empolgante do que o velho protesto de baixo de garoa. Até o pessoal que passa apressado para o trabalho quer saber o que acontece. «Não tenho palavras!», anuncia uma mulher num elegante terno rosa. «O quê? Eu pago meus impostos e eles não precisam pagar porque são uma grande empresa?». A mulher mexe com o cordão policial. «Não digo que todo mundo deva ser beneficiário, ok, mas eu tenho uma amiga com cinco filhos, o menor tem oito meses e ela acabou de perder os benefícios, e agora vocês vêm me dizer que perdoaram seis bilhões da Vodafone? E a minha amiga, como vai cuidar do bebê dela agora?».

De repente, ouvem-se gritos na entrada da loja. Caem as portas de segurança e a polícia entra, para começar a arrancar de lá de dentro todos os que puderem, arrastados pelos pés se for necessário, «por sua própria segurança». Uma garota de uniforme cinza é empurrada com força e cai torcendo os pés de mau jeito no piso escorregadio por causa da chuva, enquanto um rapaz

---

2. CFC (*Controlled Foreign Companies*) é um sistema tributário desenhado para regular a conduta tributária das empresas estrangeiras e para limitar o desvio artificial de impostos através de entidades *off-shore*. [N. da T.].

3. Político laborista, ocupou diversos cargos importantes nos governos de Tony Blair e Gordon Brown. De junho de 2009 a maio de 2010 foi ministro do Interior.



se debate para escapar da confusão berrando para a multidão horrorizada: «Brutalidade policial nas ruas de Londres!». Podemos ver o que acontece perfeitamente bem.

Podemos ver a polícia jogando estudantes no chão.

Podemos ver joelhadas nas costas, braços em volta de pescoços. A pequena área da frente da loja da Vodafone foi isolada com duas violentas faixas de fita policial branca e vermelha, e agora os agentes do Estado entraram para cauterizar a ferida. Alguns manifestantes ficaram presos lá dentro; alguns entrelaçam os braços diante das formações policiais que agora cercam a frente da loja formando uma crosta preta emaranhada. A energia transborda pela calçada. Assim como a empresa que eles tinham como alvo, esses jovens estão claramente decididos a Viver o Momento. Agora<sup>4</sup>.

Enquanto os ativistas agitam um pequeno mar de cartazes idênticos com o logo da Vodafone e a legenda «sonegadores», um círculo de observadores pega seus telefones e começa a fazer fotos. Você quase espera ouvir a voz suave de um ator anunciando os diferentes planos da operadora sobre o fundo de acordes melosos do último sucesso indie-pop. Mas a vida real está mais molhada e mais zangada do que nas propagandas. Só se ouve mesmo o lamento de sirenes ao longe.

**Enquanto os ativistas agitam um pequeno mar de cartazes idênticos com o logo da Vodafone e a legenda «sonegadores», um círculo de observadores pega seus telefones e começa a fazer fotos ■**

#### ■ Isto não é uma conspiração (26 de fevereiro de 2011)

As maiores conspirações acontecem à vista de todos. Hoje, em todo o hemisfério norte, ativistas do movimento popular UK Uncut e de sua recém-formada organização irmã US Uncut estão organizando protestos em mais de 90 agências dos bancos NatWest, Bank of America e Royal Bank of Scotland, em locais que vão desde o Havaí até a cidadezinha inglesa de Ashby de la Zouch.

O provocador porno-barulhento Glenn Beck denunciou esse movimento em ascensão como uma «conspiração» e disse na Fox News que «essa agitação

---

4. Alusão ao slogan de uma publicidade da Vodafone [N. da T.].

poderia se propagar do Oriente Médio para a Europa e, com o tempo, até aos Estados Unidos... seria uma coisa coordenada no mundo todo».

Para os manifestantes de esquerda, essa condenação do espalhafatoso Beck é muito bem-vinda. E não é que o reaçã berralhão tem razão? Trata-se, certamente, de uma insurreição global, embora dócil, que funciona à base de grafites, cartazes, cafeína e uma coordenação intercontinental por meio de redes horizontais, e de fato chega com uma insinuação de ameaça. Passei a semana passada com membros do UK Uncut e alguns movimentos associados: eles confeccionavam cartazes e alimentavam seu Twitter, respondendo a mensagens de solidariedade do mundo todo, de Winscosin à Praça Tahrir.

Hoje pela manhã, quando me preparava para o último protesto e bebia às pressas uma xícara de chá, vi uma ativista ajustar sua meia-calça para uma manifestação relâmpago de tema «heróis e vilões» e vestir, como acessório, uma capa comprada para uma festa à fantasia do Harry Potter. Seu amigo, que trajava um terno de tweed de professor universitário, colocou uma máscara sinistra de Comensal da Morte: «Vejam», disse. «Sou Milton Friedman!» Não é exatamente uma facção do Exército Vermelho, mas os doutos comentaristas de direita como Glenn Beck estão morrendo de medo mesmo assim.

Enquanto escrevo isto num extremo da Oxford Street, em Londres, onde 150 membros do Uncut marcham debaixo de chuva, os ativistas transformam as filiais de bancos em salas de aula, bibliotecas e refúgios temporários para pessoas sem-teto. Todos estes são serviços públicos vitais que em breve serão confiscados dado que os governos do mundo impõem para suas populações programas de austeridade a fim de respaldar as imprudências dos financistas internacionais. A mensagem dos manifestantes é simples: «O governo», disse um membro do Uncut de 42 anos, «deveria fazer os bancos pagarem, não as pessoas comuns».

Eles se expressam através de atos relâmpago, *bail-ins*<sup>5</sup>, festas de rua para aposentados e pré-escolares, ocupação de espaços privados de bancos e empresas sonegadas de impostos, e apontam incansavelmente para a hipocrisia das elites financeiras. Valentes, sim; conspiradores ao estilo Baader-Meinhof, não. O mais divertido, depois de passar um tempo com o pessoal que deu início a

---

5. O movimento Uncut propõe os *bail-ins* como ações que sirvam de antídoto contra os *bailouts* (planos de resgate financeiro para bancos). Nessas ações, ocupam agências bancárias e instalam simbolicamente serviços de interesse público que sejam alvo de recortes de austeridade: escolas, bibliotecas, albergues, etc. [N. da T.].

tudo isso, é ver a que ponto chega o fracasso dos comentaristas da mídia que tentam entender que diabos está acontecendo aqui.

O movimento Uncut poderia não passar de um grupo de crianças brincando, exceto pelo fato de possuírem uma escrupulosa alternativa econômica e uma rede de informação que abrange o mundo inteiro. Talvez sejam os extremistas locais amedrontadores de Glenn Beck, só que os protestos incluem vovós, bebês e jovens papais com cartazes recém-pintados com cores brilhantes. No Reino Unido, a polícia respondeu com a pose clássica de agentes na defensiva: desconcerto aterrorizado e malicioso. Uma manifestante me mostra evidência fotográfica em seu telefone de um protesto anterior, quando uma moça foi arrastada pela polícia por jogar panfletos por baixo de uma porta. «Usaram gás lacrimogêneo e três pessoas foram parar no hospital», diz ela.

Apesar das acusações de extremismo, o movimento Uncut tem por base os mesmos princípios de justiça e responsabilidade que os políticos declamaram durante décadas frente às urnas. Os comentaristas e os ministros de gabinete mostram-se chocados diante da noção de que seus eleitores, de fato, contam.

**Que tipo de mundo é esse, em que o fato de querer bibliotecas locais e pretender que as escolas continuem funcionando é considerado «extremismo» merecedor de um ataque policial? ■**

Tomem o exemplo do Reino Unido, onde o Royal Bank of Scotland recebeu um resgate (*bailout*) de 45 bilhões de libras de dinheiro público – mais da metade do pacote de austeridade do governo, de 81 bilhões – e nem por isso deixa de se premiar com bônus astronômicos. As pessoas comuns que ousam se opor a essa injustiça escancarada são agora «extremistas». Os estudantes que jogam panfletos sobre a sonegação de impostos nas portas das lojas são

extremistas. Que tipo de mundo é esse, em que o fato de querer bibliotecas locais e pretender que as escolas continuem funcionando é considerado «extremismo» merecedor de um ataque policial? Que tipo de sociedade é essa, que chama de «extremista» quem quer levar uma vida decente?

Sensacionalismos conspirativos como de Beck se parecem aos dos velhos alarmistas de sempre. De fato, muitos costumam lançar teorias conspirativas para distrair a atenção de ultrajes maiores, mais assustadores e menos manipuláveis que acontecem à vista de todos. É muito fácil convencer quem quer ouvir de que o Pentágono bombardeou as Torres Gêmeas; é muito mais difícil



estabelecer o conceito de que durante uma década a OTAN bombardeou dez vezes o Golfo e o fez conhecer o inferno ante o mais mínimo pretexto. De um modo similar, para Beck e outros neoconservadores traficantes de ódio de lábios úmidos, é conveniente exclamar que o mundo livre está sendo atacado por uma corrente de enfurecidos conspiradores comunistas; é muito menos conveniente considerar a ideia de que poderia estar crescendo um movimento de pessoas normais.

A ideia de que gente comum, operários, estudantes, aposentados e pais de família podem ter encontrado finalmente as ferramentas e o ímpeto para desarticular as mentiras dos poderosos e pedir responsabilidade é profundamente incômoda para os reacionários de todos os lugares. Essa ideia, a de uma resistência formada por gente com princípios e comunicada em rede, atemoriza muito mais os governos neoliberais do que a de uma célula terrorista.

#### ■ A revolução será civilizada (26 de agosto de 2010)

É muito fácil tirar sarro dos hippies. É de fato tão fácil que a mídia conseguiu ignorar por completo o sério projeto político que levou cerca de 700 ativistas a se reunirem num Acampamento Climático em Edimburgo, bem na frente da casa matriz do Royal Bank of Scotland (RBS). Infelizmente, os hippies raramente dificultam o trabalho de seus críticos: ao raiar o sol no improvisado camping, sou acordada em minha barraca por algo que soa como o apocalíptico coro de crianças do Pink Floyd, só que agora adultos e desafinados.

Os integrantes dos Acampamentos Climáticos, a maioria de vinte e poucos anos, com aspecto de recém-formados de olhar inocente, ensaiam uma versão de «Poker Face» da Lady Gaga com a letra inteiramente reescrita para falar do papel do RBS no financiamento da indústria dos combustíveis fósseis, incluindo uma coreografia de movimentos de mãos.

Vista de fora, essa ocupação que já dura uma semana parece, de forma algo suspeita, um grupo de estudantes papeando inofensivamente no campo. Porém, por entre as árvores, avistam-se policiais reunidos em carros antidistúrbios. Do que eles têm medo? Nas oficinas diárias de conscientização fica claro que a ideologia do Acampamento Climático é ponderada e intransigente.

«A gente não pode simplesmente sair por aí gritando que ‘o sistema está na merda’», diz Sam, um tímido rapaz de 20 anos que vê o mundo através de



sua franja caída no olho. «Isso não é política, isso é a ausência da política. Nós temos que continuar examinando as interações entre o dinheiro e o poder que nos arrastaram até esta situação».

O Acampamento Climático é, ostensivamente, tanto sobre anticapitalismo como sobre ambientalismo; escolheram como alvo o RBS, que financiou a extração de combustíveis fósseis e agora é de propriedade do Estado, justamente para despertar consciência sobre os vínculos entre as duas coisas. Contudo, alguns dos membros mais jovens, que cresceram durante a pior recessão de que se tenha memória viva, sentem que o relato em torno da mudança climática deveria ser mais revolucionário.

«A maioria dos governantes e das grandes empresas finalmente aceitaram que devemos encarar a mudança climática», explica Sam enquanto dividimos um fumo péssimo e uma gororoba vegetariana surpreendentemente deliciosa. «Mas para eles só se trata de proteger a propriedade privada. Temos que transmitir a mensagem de que é o capitalismo que produz a mudança climática e que não dá para consertar uma coisa sem consertar a outra». Algumas das propostas de ações de protesto beiram a tolice – por exemplo, desfilar com um porco de papel machê coberto de petróleo pelo centro de Edimburgo – mas a vida cotidiana do Acampamento Climático é tão importante quanto a ação direta.

Com banheiros nojentamente ecológicos e os afazeres distribuídos entre todos os participantes, é mais do que um acampamento: é uma comunidade modelo edificada sobre a sustentabilidade e a ausência de hierarquias. E os acampantes levam muito a sério a práxis do lugar. «Não estou aqui apenas para protestar», diz Annabel, professora de crianças com necessidades especiais, encarregada da segurança do local. «Estou aqui para aprender a usar melhor as ferramentas que sirvam para a vida num mundo sem petróleo nem hegemonia».

Esses meninos cresceram frequentando clubes estruturados depois do horário de aula, acampamentos de verão e objetivos por atividade; agora aplicam essa ética da realização controlada para sua própria utopia microcósmica. Eles podem usar dreadlocks ou flores no cabelo, mas não são os ativistas bicho-grilo dos anos 60. Todo mundo está sóbrio e na cama à meia-noite; as coisas não estão para andar perdendo tempo, temos que acordar cedo para salvar o mundo.

No dia seguinte, depois de mobilizarem seus observadores legais e chegarem a uma ação democrática por consenso mediante um misterioso processo de sinais que fizeram com as mãos, os acampantes vestem trajes anticontaminação e marcham em direção à casa matriz do RBS para a primeira atividade do dia. As expressões de circunspecto compromisso chocam com a animada atmosfera de carnaval que os rodeia. Como se fossem de uma fina e antiquada congregação anglicana, é provável que os acampantes climáticos prefiram toda vida uma xícara de chá e chatas canções tradicionais a terem que enfrentar fogo e enxofre qualquer dia da semana, mas se surgir a necessidade estão perfeitamente preparados para deixar tudo de lado pelas coisas nas quais acreditam.

Estes ajuizados jovens não cresceram na despreocupada década de 1960: eles sabem o que pode representar um antecedente criminal em suas perspectivas de trabalho no traiçoeiro clima econômico da atualidade. À hora de escrever isto, ao menos 12 pessoas tinham sido presas e, segundo observadores legais, duas delas foram hospitalizadas por suposta brutalidade policial.

Este é o futuro do ativismo juvenil na Inglaterra: uma moçada que veste fantasias ridículas e ideais socialistas, inteligente, iconoclasta e disposta a enfrentar o sistema a qualquer custo. No que os Acampantes Climáticos se aproximam, a polícia se põe a postos na guarda montada diante do reluzente vidro da fachada da matriz do RBS. Talvez estejam certos em ficar nervosos. ☒

## ESTUDIOS INTERNACIONALES

Septiembre-Diciembre de 2014 Santiago de Chile

Nº 179

**ARTÍCULOS:** Luis A. Riveros y Gustavo A. Báez, Chile y la OCDE. Dicotomía entre lo macroeconómico y el desarrollo humano. Camila Jara Ibarra, Public support for Latin American integration: a model to assess individual and contextual factors. Gladys Lechini, América Latina y África. Entre la solidaridad Sur-Sur y los propios intereses. Hilda Varela, En el laberinto de una transición fallida: Rwanda c.1994-2014. **DOCUMENTOS:** Discursos pronunciados en el cambio de mando de la Dirección del IEI, José Morandé Lavín, Walter Sánchez González, Ennio Vivaldi Véjar. **OPINIÓN:** Mesa redonda sobre fallo de La Haya, María Teresa Infante, Beatriz Ramacciotti, Astrid Espaliat, Hernán Felipe Errázuriz, Fanor Larraín, José Miguel Pozo. **RESEÑAS.**

*Estudios Internacionales es una publicación del Instituto de Estudios Internacionales de la Universidad de Chile. Condell 249, Casilla 14187 Suc. 21, Santiago 9, Chile. Tel.: (56-2) 4961200. Fax: (56-2) 2740155. Correo electrónico: <inesint@uchile.cl>. Página web: <www.iei.uchile.cl>.*